

## **SOBRE MEMÓRIAS: NARRATIVAS E PERCEPÇÕES DE TRAVESTIS SOBRE VIDA E ENVELHECIMENTO**

LORRAN LIMA

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [lorran.lima@hotmail.com](mailto:lorran.lima@hotmail.com)*

### **Resumo**

O artigo teve como objetivo investigar a concepção de travestis sobre envelhecimento, a partir de suas memórias e oralidades, reproduzindo suas histórias de vida. Memórias essas vinculadas aos sentimentos, necessidades, dificuldades e preconceitos dentro de seus desafios enquanto pessoas com expressão de identidade de gênero diferentes daquelas tidas como aceitas socialmente. O recorte da pesquisa foi desenvolvido através de entrevistas com três travestis, em um estado intergeracional, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas possibilitando com que as interlocutoras expressem suas memórias e condições de vida enquanto travestis. Essa pesquisa, sendo realizada na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte. Através dessas narrativas procurei analisar o contexto de violência, classe e construção de identidade de gênero dessas interlocutoras. Avaliando a trajetória de vida, suas preocupações e conflitos diante do envelhecimento, enquanto membros de uma sociedade sexista. O presente artigo possibilita observar que a narrativa das interlocutoras se constrói por fragmentos de sociabilidade. As percepções sobre essas memórias não são construídas somente em um contexto de violência e discriminação, mas sim de autorrealização, se travestir para essas interlocutoras é um objetivo de vida, é um bem viver, que independente do contexto de violência construído na sociedade, esse processo vai ser iniciado. Podemos notar também, que a percepção de envelhecimento tem uma variável dependendo do contexto de vida de cada interlocutora, podemos associar isso as diferença de classe e faixa etária, e através das relações sociais, entre familiares, amigos, e a rua, constroem-se os trajetos relacionados à performatividade dessas travestis, desde sua infância até a vida adulta.

**Palavras-chave:** Memória, travestis, envelhecimento.

O presente artigo se articula através de uma análise sobre a memória e concepção de envelhecimento de travestis. Sabe-se que a condição de vida dessas pessoas se faz por uma forma delicada, estruturada em um contexto de exclusão e violências, mas cada vez mais as pesquisas científicas fazem-se presentes trabalhando a realidade vivida pelas travestis, dando visibilidade e um maior suporte para a luta por direitos.

Podemos observar que são vários os desdobramentos que as pesquisas científicas podem ter dentro desse campo de discussão, no caso do presente artigo a proposta se dá por uma análise da construção da memória de travestis em um campo intergeracional, a fim de observar como são vinculadas as memórias dessas interlocutoras com relação a sua trajetória de vida e a perspectiva sobre o envelhecimento. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas aplicadas a três travestis, tendo como objetivo deixar as interlocutoras à vontade para que pudessem narrar sobre suas trajetórias de vida, desde a infância até a data presente, sendo também estimuladas para que pudessem falar sobre suas perspectivas para o futuro, e a concepção sobre o processo de envelhecimento enquanto travesti, foi possível o desenvolvimento de uma pesquisa de cunho qualitativo, acompanhado de revisão bibliográfica, sendo assim, as discussões sobre memória individual e coletiva, juntamente sobre as discussões que perpassam a esfera de travestilidade e envelhecimento. A pesquisa foi desenvolvida com interlocutoras na cidade de Natal-RN, no mês de Junho de 2017.

A partir desse arranjo estrutural foi possível a análise sobre a construção da memória enquanto condição singular com influencias coletiva para o indivíduo, podendo ser pensada de uma maneira mais ampla, e respondendo à indagação: a partir de que percepções são constituídas as memórias de travestis? Está é uma reflexão que será trabalhada posteriormente. Será trabalhada a análise da concepção sobre o envelhecimento de acordo com pesquisas já realizadas, onde poderemos notar diferentes aspectos da construção do envelhecimento enquanto identidade, juntamente com a construção do estigma que é dado por dois fatores: o caráter de velhice e pela travestilidade.

## CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

A partir da década de 60, estudos priorizaram a investigação das interações ocorridas entre atores sociais na vida cotidiana e as construções resultantes dessas interações. Com essa nova perspectiva, passou-se a afirmar que indivíduos constroem suas identidades e que a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por esses indivíduos no processo de compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade.

Essa nova concepção fez com que as identidades passassem a ser compreendidas a partir não só de um agregado de interações sociais, mas também da razão políticoestratégica de atores sociais. De acordo com Myrian Santos:

Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social em que aspectos da psique se encontram interligada a determinantes sociais. A memória deixou, portanto, de ser considerada como fenômeno individual, passando a elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas. (SANTOS, 1998, p. 02)

Em uma análise de memória individual e coletiva podemos compreender a partir de determinados pontos de estruturação, dentro deles a concepção de Michael Pollak (1989), para esse autor a memória é constituída de fragmentos, sejam eles por momentos históricos, personagens, paisagens, mas sendo estes reflexos de tradições e costumes fomentados por regras de interações.

A questão que venho trazer é: a partir de que percepções são construídas as memórias de travestis? Dentro de uma reflexão de que as memórias são constituídas em conjunto com um todo relacionado com as experiências sociais coletivas. Myrian Silva (1998) expõe que a memória é adquirida a partir das lembranças relacionadas ao grupo nos quais estamos inseridos, funcionando como uma apropriação de representações coletivas. Portanto, podemos analisar que os indivíduos se deparam com diferentes quadros sociais durante suas vidas, que em certas medidas tornam-se memórias, a partir do contato com escolas, trabalhos, igrejas, a rua como espaço de sociabilidade, família, entre outros. Esses ambientes proporcionam experiências, formando uma vasta composição que vai depender de como cada indivíduo vivência esses momentos. Cada narrativa, cada lembrança, cada história de vida deve ser considerada como um instrumento de construção de identidade, não apenas como palavras ou relatos casuais, a história de vida sustenta uma existência humana.

## MEMÓRIAS SOBRE SER E ENVELHECER

Para desenvolver a investigação proposta, a opção metodológica se recaiu sobre a pesquisa de cunho qualitativo, com o objetivo de analisar como se constitui as memórias de travestis, levando em conta a percepção das próprias investigadas, onde foram entrevistadas três travestis, com condição etária intergeracional, a primeira com idade de 21 anos, a segunda com 30 e a terceira com 42 anos de idade. A escolha de idades intergeracionais se deu pela preocupação de atender uma análise ampla sobre as várias trajetórias e percepções de vida dessas interlocutoras.

Fernanda, a primeira interlocutora, com 21 anos acaba de entrar na faculdade no curso de psicologia, quando pedido para realizar a entrevista, ela mostrou-se totalmente disponível para colaborar com a produção. Considerarei Fernanda como pertencente à classe média, sua família

possui automóvel, casa própria, e está estuda em uma instituição particular com bolsa parcial. Ao narrar sobre sua infância, à interlocutora deixa presente que viveu bem, que se sentia uma criança “normal”, brincava com seus primos, brincava de “brincadeiras de menino” e sentia-se confortável assim, de acordo com a entrevistada, a partir de mais ou menos 12 anos ela começou a se sentir desconfortável no lado dos meninos. Neste período, Fernanda diz que já existia uma diferença em sua concepção na escola, e entre as brincadeiras com seus primos, em um âmbito familiar, e que nunca seus pais se importaram, quando Fernanda entrou na adolescência por volta de uns 16 começou a se sentir atraída por meninos, um ano depois, aos 17 se assumiu homossexual para sua família, Fernanda diz que naquele momento se sentiu tranquila e realizada, mas que meses depois se sentir incompleta começou a refletir sobre sua condição, sobre sua vida e aparência, depois de alguns meses, antes de completar 18 anos, Fernanda narra que teve uma segunda conversa com seus familiares, desta vez falando sobre a necessidade de se travestir, através de uma análise da memória da interlocutora podemos observar que esse processo foi aceito tranquilamente pela família.

Eu cheguei com meu pai primeiro porque ele sempre foi bem mais próximo de mim, ai quando eu falei que precisava falar com ele e minha mãe parecia que ela já sabia, sabe...eu acho até que ele sabia sim, ele deveria saber, não sei como, mas deveria saber. Ai ele chamou minha mãe e eu falei que eu queria me vestir de menina. Eles ficaram calados sabe... minha mãe ficou meio sem reação, mas meu pai ficou calado meio que com uma cara de queria rir, não foi reprovação. . (Fernanda, Natal-RN, Junho de 2017).

Fernanda diz que sempre teve o apoio de seu pai, em questão de comprar roupas e acessórios, que mesmo hoje caminha com seu pai pelo shopping para fazer compras. Dentro de comentários feitos pela interlocutora sobre preconceitos, diz que sentiu mais quando se vestia de menino, e que o lócus do preconceito em sua vida encontra-se na rua, que dentro da escola e de sua casa ela sempre se sentiu segura por se sentir acolhida por amigos e familiares. Fernanda diz que antes não conhecia travestis, e que nem sabia do que se tratava, começando a ter esse tipo de informação pela televisão e viu que se sentiria bem com a mudança. Sendo assim, a interlocutora diz que sua transformação começou sozinha, falando que sempre teve a delicadeza com seu corpo, comportamento, roupas, entre outros.

Em um contexto de futuro, Fernanda mostra-se realizada pelo caminho que está percorrendo, diz-se feliz com o apoio de sua família e de seus amigos, está na faculdade cursando o nível superior e presente seguir a carreira acadêmica, diz que ela é uma pessoa privilegiada por viver bem, por ter uma boa condição de vida e que entende que essa situação não é igual para todas.

Dentro de percepções de Fernanda sobre envelhecimento podemos perceber que a idealização dessa condição futura se estrutura de forma tranquila.

Ser idosa... Eu me imagino igual minha avó, minha avó é legal... eu nunca pensei muito sobre quando eu ficar velha, eu sei que eu quero estudar, trabalhar, e assim eu acho que poderei envelhecer bem, muitos velhinhos passam mal nessa idade, eu quero ter pessoas perto de mim que cuidem bem, quando eu não puder me cuidar. (Fernanda, Natal-RN, Junho de 2017).

Podemos observar que a concepção da interlocutora com relação à velhice não se dá com grandes preocupações, estruturando-se no presente onde quer construir uma vida que de alguma forma lhe dê boas bases para viver o período de velhice bem.

A segunda interlocutora chamaremos de Sara, tem 30 anos, a pouco tempo começou a cursar o nível superior em uma instituição particular, é de uma família considerada de baixa renda, mora em um bairro da zona Norte de Natal-RN e narra sobre sua infância e as mudanças em sua vida.

Eu era um menino com jeito de menina desde muito novinha, eu não entendia muito bem como era a vida, eu só sabia que não era normal pelo fato de todo mundo tirar chacota com meu jeito, meu pai me reprimia bastante também e eu era punida pelo meu comportamento feminino. Apanhei muito na minha infância. Eu nunca passei fome, mas passei muito mal. (Sara, Natal-RN, Junho de 2017).

Podemos observar que diferente da primeira interlocutora, Sara desde sua infância era discriminada em sua casa, sendo criada em contexto de violência, entre elas física e psicológica. Sara diz que desde muito nova seus pais eram da igreja e ela também, e que isso deixava a sua situação bastante difícil. Sara diz que quando começou o ensino médio começou a ter mais liberdade.

Na minha juventude quando eu fazia o colegial, eu tinha mais espaço para viver, foi ai que comecei a conhecer o mundo, eu passava batom na escola, mudava a blusa, colocava o brinco. Mas quando era hora de ir pra casa eu tirava tudo e virava homem de novo, se não eu apanhava em casa. Foi nessa época que eu comecei a conhecer várias pessoas, comecei a sair da escola para ficar com homens, eles iam me pegar na escola e eu ficava com eles, às vezes eles me davam dinheiro para me ajudar em alguma coisa. (Sara, Natal-RN, Junho de 2017).

De acordo com Sara, foi na escola que começou a ter início a sua liberdade como travesti, mas sempre tendo medo da reação de seus pais, neste mesmo período foi quando começou a conhecer pessoas as quais se relacionava. Nesse período também conheceu outras pessoas que a partir daquele momento se tornariam amigas e compartilhariam a experiência de se travestir. Durante muito tempo, Sara escondeu de seus pais seu novo jeito de viver, assumindo sua identidade

na escola e na rua, mas dentro de casa voltava a ser o que seria o correto aos olhos de seus pais. Dentro da narrativa da história de vida de Sara podemos observar que a partir de pequenas experiências ela começa a enfrentar novos desafios.

Meus pais nunca deixaram faltar as coisas para mim, eles não gostavam do meu jeito, mandavam eu mudar, apanhava, hoje eu entendo que era difícil para eles entenderem, eu nem culpo eles[...] depois me maior eu comecei a deixar meu cabelo crescer, eu pinta a unha de cor clarinha, aí meus pais não falavam mais nada, eu acredito que eles aceitaram que não tinha jeito, eles não me aceitaram, nunca (risos), mas eles aceitaram que eu não ia mudar, não ia mudar para menino, e sim que eu estava mudando para menina, (risos). (Sara, Natal-RN, Junho de 2017).

Um fragmento importante da narrativa dessa interlocutora se faz a partir da inserção ao campo de prostituição, em sua fala consegui perceber que não foi algo em um contexto de obrigação ou necessidade, foi aliado a uma nova experiência, partindo de uma esfera comparável, em uma melhor explicação, Sara ao falar que saía de sua escola para ficar com alguns homens, e que estes em momentos lhe ajudavam financeiramente, não vendo esse ato como prostituição, mas posteriormente, ao conhecer travestis que se prostituíam, Sara experimentou assim fazer, diferentes de muitas travestis que estão nas ruas fazendo programas por necessidades e meio de sobrevivência, essa interlocutora constrói essa fase de sua vida como uma nova experiência. Sara diz que hoje não fica na “pista”, ou seja, nas ruas, mas que tem “conhecidos” – clientes. E que em muitos momentos esse trabalho serve como uma ajuda financeira a mais em sua vida. Sara trabalha também como cabeleireira, tendo desses serviços à ajuda para viver e pagar sua faculdade.

Eu sou uma travesti que tá tentando ganhar a vida, eu estudei o que pude e to estudando, e rapaz, preste atenção, não foi e não é fácil se travesti em uma escola, as pessoas não sabem ter respeito, as pessoas crescem para diferenciar e discriminar, mas hoje eu trabalho, sou vitoriosa, eu estudo, e quero cada vez mais crescer, crescer sem depender de ninguém, muitas das minhas amigas passam por muita violência, você vê na TV que sempre uma travesti apanha, uma travesti morre, eu sou uma vitoriosa por estar aqui. Graças a Deus eu nunca apanhei na rua, eu só apanhei dos meus pais, mas hoje eles sabem que eu continuo uma pessoa do bem, e que não faço mal a ninguém, com o tempo, com eu ficando mais velha, eles começaram a deixar pra lá e me tratando normal, me aceitando. (Sara, Natal-RN, Junho de 2017).

Quando Sara é confrontada com a proposta de falar sobre envelhecimento ela diz em um tom de harmonia que já é velha.

Meu bem, eu sou uma tia já, sou velha, você não viu uma pesquisa que diz que a expectativa de vida de uma travesti é de 33 anos?[...] quando eu era nova eu não pensava em ser velha, eu acredito que ninguém pensa em ser velha, quem quer ser velha? O tempo foi passando, passando, passando e eu estou aqui, eu sei que não

sou velha, mais para uma travesti, isso é muito. Eu estar aqui bem, saudável, trabalhando, tenho amigos, família, [...] o tempo futuro só Deus vai dizer como vai ser. (Sara, Natal-RN, Junho de 2017).

Podemos ver que a experiência do envelhecimento é analisada de uma forma simbólica para Sara. Fazendo um recorte de em uma questão de gênero e sexualidade, podemos compreender qual a percepção dessa interlocutora, essa percepção é apresentada por Antunes e Mercadante (2001) onde expõem que uma travesti que consegue chegar à velhice é considerada uma vitoriosa, pelo fato de viverem em uma sociedade preconceituosa que profere contra elas diversos tipos de violência, apresentando a baixa expectativa de vida dessas pessoas. Um ponto importante de abordar, presente na construção de memória de Sara é que a mesma diz que hoje faz parte de movimentos sociais, entendendo a importância do ativismo para a conquista de direito, esse engajamento não foi visto na primeira interlocutora. Sara diz que com o passar do tempo foi conhecendo mais pessoas que têm a trajetória de vida parecida com a sua, e que através do ativismo buscam seus direitos.

Nossa terceira interlocutora se faz pela presença de Camila de 43 anos, do interior do Estado de Alagoas e mora em Natal-RN desde sua adolescência, vem de família humilde do interior e narra que desde pequena teve uma vida difícil.

Minha infância foi trabalhando como homem, pegando pesado com meu pai, eu não podia ser quem eu sou, naquela época não existia isso, seria uma vergonha pra mim e seria uma vergonha pra minha família, eles eram muito humildes, nós éramos, e eu queria evitar esse tipo de coisa, a cidade era pequena e todo mundo iria ficar sabendo. Mas todo mundo sabia, todo mundo sabe. Os vizinhos falavam “aquele menino é viado”, eles sabiam, pediam pra eu cuidar das crianças, dos filhos e acabavam que muitos tratavam como se nada estivesse acontecendo. (Camila, Natal-RN, Julho de 2017).

Pela construção de memória de Camila, podemos perceber que sua vida na infância foi atrelada ao trabalho, e que em muitos momentos fazia-se de invisível a sua situação enquanto homossexual, na época. De família carente e sem estudar Camila entrou na adolescência com o desejo de sair de casa para tentar a vida em outro lugar.

Eu sempre quis sair de casa, eu sempre quis ser livre, viver minha vida, ser feliz, foi então que eu disse para minha família que eu ia para outra cidade procurar trabalho, foi assim que eu sai de casa. [...] Mas eu sai de casa sem saber muito o que ia fazer da vida. Eu comecei a frequentar praças, bares, e conhecer as mulheres da noite, eu me juntei com elas e comecei a trabalhar, naquela época eu só queria me montar, eu trabalhava pra me montar. Na verdade me montar era meu sonho, mas lá no interior eu não podia nem pensar nisso. Era um sonho que longe de casa eu pude realizar. (Camila, Natal-RN, Julho de 2017).

Camila narra que a vida longe de casa foi difícil e que através da prostituição que começou a se sustentar. Em sua narrativa fica evidente que através da prostituição que inicia-se seu processo de travestilidade, conhecendo outras travestis, construindo assim sua nova imagem. Quando a interlocutora fala de sua juventude podemos observar o contexto de discriminação presente em sua vida.

Logo que mudei de Casa eu não pensava em trabalhar assim, mas quem ia me dar emprego? Ninguém dava emprego, hoje eu falo que a vida é bem mais fácil, antes a gente não tinha vez de nada, era ou ir pra pista ou passar fome, a gente vivia pra pista, não tinha conversa, todo mundo excluía a gente, uma travesti estudar? Não existia, uma travesti com trabalho normal? – não tinha. Hoje as coisas estão mais fáceis, a gente tem até voz. (Camila, Natal-RN, Julho de 2017).

É possível observar através de seu discurso como se estruturava o contexto de exclusão de travestis por meados da década de 80, um dos seus únicos jeitos de sobreviver a prostituição, associada ao uso de drogas, Camila narra que o uso de drogas era comum, que evitava ao máximo, mas que em muitas noites era preciso usar para aguentar a rotina na pista. Hoje Camila é empregada e se orgulha disso. O reconhecimento de Camila na sociedade é um passaporte para sua tranquilidade, para seu bem viver, longe da violência da vida de prostituição, mas ainda em uma sociedade que a discrimina. Camila chegou a narrar sobre a importância das travestis mais velhas no processo de construção de sua travestilidade, no processo de se montar, e construir seu corpo, hoje ela é a travesti mais velha que acaba ajudando as mais novas.

Eu pego essas meninas novinhas e a gente conversa muito, eu mando elas se cuidarem, procurarem o direito delas, e falo pra elas que “olha, hoje é difícil de viver, mas antes era pior”, eu falo pra elas como elas devem se arrumar, como podem construir o corpo delas, a importância delas estudarem e saberem pedir os direitos delas, pra elas viverem melhor a cada dia. Pra elas pedirem direitos pra todas, elas são mais novas, mais ajeitadas. (Camila, Natal-RN, Julho de 2017).

Camila acaba por ocupar um espaço de “madrinha” em relação às travestis mais novas, uma postura segundo ela – digna de respeito, tentando ao máximo contribuir para a vida das travestis que estão iniciando. Ao ser perguntado sobre envelhecimento, Camila diz não gostar do assunto.

Envelhecer é ruim pra todo mundo, ninguém deve gostar de envelhecer, eu penso nas pessoas que perdi, penso nas pessoas que se afastaram, penso em tudo que já passei, e quando vejo, eu ainda to aqui, e eu não to totalmente do jeito que eu queria. (Camila, Natal-RN, Julho de 2017).

Podemos entender que o contexto de vida de Camila foi um pouco mais difícil, e que crescer e se desenvolver dentro desse espaço não causou grande satisfação em sua memória atual, de alguma forma sua perspectiva de vida tornou-se satisfatória, mas por outro lado não seria o ideal



que gostaria de almejar. O envelhecer para Camila, é um estado reflexivo, onde hoje, em sua percepção, pode ser vivido com mais tranquilidade. Essa interlocutora mostra ter um sentimento de apenas querer viver bem, de continuar com sua independência e sua vida.

Podemos observar três visões de mundo diferentes, com trajetórias de vidas distintas, a relação intergeracional nos permite uma análise melhor. O desejo de adolescência das três interlocutoras se materializava na necessidade de construir-se enquanto travesti o que dependendo da condição de vida de cada uma foi estruturado de uma forma diferenciada, observamos que a primeira interlocutora teve uma construção aceitável pelos pais e uma relação estável diante de seu quadro social, tendo uma melhor qualidade de vida, uma trajetória mais tranquila, levando em conta sua classe econômica, está pertencendo ao que podemos chamar de classe média, tendo a oportunidade de estudar, e uma compreensão e respeito por parte dos seus pais, adquirindo assim total apoio para a construção de sua travestilidade.

As duas últimas interlocutoras tiveram uma trajetória de vida associada ao preconceito e violência, seja essa violência efetivada de forma física ou simbólica. Dentro de associações de vida, as duas últimas interlocutoras vivenciaram a experiência da prostituição, mas de formas diferenciadas, um por uma vontade de vivenciar e a outra como forma de sobrevivência.

De acordo com Siqueira (2004), podemos entender que o processo de envelhecimento de travestis é tido como “status” diante de um grupo, de um sentido mais amplo, diante da sociedade como um todo. Podemos levar em conta desde o preconceito sofrido em casa e na rua, desenvolvendo-se em violências físicas, morais e psicológicas, até a possível utilização de drogas e prostituição. De acordo com Siqueira observar duas concepções de velhice para essas interlocutoras.

A velhice, a meu ver, se apresenta de duas formas para elas: como algo positivo – quando confrontadas com o seu passado e com seu grupo – e como algo negativo, quando estão diante da sociedade da qual fazem parte e que, por vezes, é cruel com aquele que envelhece (Siqueira, 2004, p. 140)

Por outro ponto, temos que levar em conta que o processo de envelhecimento se desenvolve de maneira dispare com relação à diversidade de classe, etnia, gênero e sexualidade, entendemos que o processo de envelhecimento de uma travesti se dá de forma mais dolorosa na sociedade. Com o processo de envelhecimento, podemos notar uma maior preocupação com a busca por direitos e a inserção no processo político de ativismo, essas travestis mais velhas acabam por influenciar as mais novas na organização política de um grupo e na busca por direito.

## ENTRE ESTIGMAS

Partindo de uma perspectiva onde o indivíduo é caracterizado como desviante dentro de uma lógica normativa, em que o mesmo não se enquadra na normatização heterossexual da sociedade contemporânea, Howard Becker, em sua obra *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio* explica o que seria, ou melhor, quem seriam os desviantes. O autor desenvolve seus estudos com foco nas relações dos indivíduos, onde a sociedade produz regras e exige seus cumprimentos, determinando o que vem a ser certo ou errado, tendo como punição a construção de rótulos para os que descumprirem as normas. Segundo Becker (2008), os rótulos sempre emergem de processos políticos onde alguns grupos conseguem impor e legitimar seus pontos de vista diante do outro, tendo como resultado a criação de dois grupos: os dominantes e os classificados como desviantes.

Nesse contexto, a transfobia pode ter diferentes causas, vindo a ser a aversão que pessoas ou grupos nutrem sobre as travestis que de uma forma ou outra tendem a se manifestar fora do padrão heteronormativo biológico da sociedade. Portanto, essas relações são construídas ao longo da nossa construção histórica, prevalecendo a dominação masculina patriarcal. A transfobia sendo construída também neste cenário. A travesti passaria a ser tratada com posição de inferioridade diante do corpo social.

Podemos levar em consideração setores do conhecimento científico como propulsores do preconceito e discriminação com as travestis. A dificuldade das ciências jurídicas de reconhecerem direitos básicos, a psicologia e psiquiatria pela dificuldade de aceitação da diversidade enquanto plano "normal" na sociedade. Esse tipo de posicionamento científico causa grande influência na construção de opinião dos sujeitos sociais, construindo assim um posicionamento negativo por parte das pessoas em relação a diversidade. As ciências humanas em sua grande maioria tem uma relevante importância no combate ao preconceito, contribuindo para a reconstrução dos padrões sociais de normalidade através de seus estudos e pesquisas, reconhecendo a grande diversidade humana e de suas relações. Podemos observar esse posicionamento na pesquisa realizada por Zambrano (2006), onde a autora trabalha a questão de parentalidade por homossexuais, travestis e transexuais, iniciando seu texto pela argumentação sobre o campo científico e suas influências.

No direito, temos o código napoleônico que mantém vivo, depois da Igreja, o caráter "sagrado" estabelecido pela "natureza" entre aliança e filiação, com a afirmação de que o pai é o marido da mãe. Para a psicanálise, a subjetivação do sujeito e sua humanização passam pela necessidade de elaboração do chamado complexo de Édipo, processo psíquico que exige a presença dos dois sexos e a obediência ao "Nom du Père (ZAMBRANO, 2006, p. 124)

Neste aspecto, faz-se necessário ressaltar a relevância e a força dos movimentos GLBTT nas conquistas de direitos em busca de mais igualdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como proposta analisar a trajetória de vida de três travestis a partir da construção de suas memórias. Pensamos na memória como um atributo coletivo, considerado como um processo social, que leva em conta variados determinantes sociais. Podemos observar que a narrativa das interlocutoras se constrói por fragmentos de sociabilidade, por momentos históricos que mancam suas vidas como no caso de Camila quando tem que deixar sua cidade para viver sua liberdade, ou no caso de Sara quando começa a aproveitar o espaço na escola para se travestir. Existindo na construção da memória personagens e paisagens marcantes, no caso de Fernanda, com a figura de seu pai enquanto apoiador, ou na paisagem presente na narrativa de Camila quando lembra que frequentou praças e bares ao mudar de cidade. É possível analisar que a construção da memória, assim como a trajetória de vida, perpassa por diversas relações e interações.

A trajetória de vida dessas interlocutoras foi construída pela vontade de expressar sua liberdade, sendo encontrada no ato e processo de se travestir, o ideal de vida que se almeja alcançar com respeito e dignidade. As percepções sobre essas memórias não são construídas somente em um contexto de violência e discriminação, mas sim de autorrealização, se travestir para essas interlocutoras é um objetivo de vida, é um bem viver, que independente do contexto de violência construído na sociedade, esse processo vai ser iniciado. Na construção da história de cada uma se faz a necessidade de conquistas de direitos, de amparo pelo Estado, à busca contínua por igualdade. Com o passar do tempo essas travestis puderam ter mais visibilidade, com isso, podemos notar a importância do ativismo políticos dessa categoria para a busca de direitos.

Podemos notar também, que a percepção de envelhecimento tem uma variável dependendo do contexto de vida de cada interlocutora, podemos associar isso as diferença de classe e faixa etária, o envelhecimento pode ser notado na primeira interlocutora como mais uma fase da vida na qual se espera com boas perspectivas. A segunda trata o processo de envelhecimento como uma vitória, reconhecendo a dificuldade de sobreviver enquanto travesti, idealizando uma velhice confortável, na última interlocutora é presente um grande desconforto com relação ao envelhecimento, tendo essa fase como um momento nostálgico e reflexivo. Portanto, observamos que através das relações sociais, entre familiares, amigos, e a rua, constroem-se os trajetos

relacionados à performatividade dessas travestis, desde sua infância até a vida adulta. Através das lembranças e memórias foi possível a reconstituição da história de vida de cada uma.

## REFERÊNCIA

ANTUNES, Pedro, Paulo Sammarco & MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Travestis, envelhecimento e velhice. Revista Kairós Gerontologia Temática, 14(5), ISSN 2176-901X, São Paulo, dezembro 2011: 109-132.

BENEDETTI, Marcos R. Toda feita – O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2005.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2006.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LINS de BARROS, Myrriam Moraes. Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FVG, 2000.

MERCADANTE, E.F. A construção da identidade e da subjetividade do idoso. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP. 1997.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio, Revista Estudos Históricos, Vol. 2, No 3 (1989)

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 1998, vol.13, n.38.

SIQUEIRA, Monica S. Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. Horiz. antropol., Dez 2006, vol.12, no.26, p.123-147.